

Desafios 10

Cadernos de trans_ formação

maio de 2015



Ousar ser autor nos tempos de crise

Equipa editorial:

Direção: José Matias Alves

Coordenação: Cristina Palmeirão

Edição: Francisco Martins

Colaboradores permanentes:

Ana Paula Silva
Alexandra Carneiro
António Oliveira
Cristina Bastos
Cristina Palmeirão
Fátima Braga
Fernando Costa
Filomena Serralha
Ilídia Cabral
João Rodrigues
João Veiga
Joaquim Machado
Joaquina Cadete
Jorge Nascimento

José Afonso Baptista
José Maria de Almeida
José Reis Lagarto
Luísa Orvalho
Luísa Trigo
Lurdes Rodrigues
Manuela Gama
Manuela Ramoa
Maria do Céu Roldão
Maria de Lourdes Valbom
Maria Peralta
Rita Monteiro
Valdemar Almeida
Vítor Alaiz

Colaboram neste número:

- Cristina Ferreira da Silva | Psicóloga SPO no Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha
- Cristina Palmeirão | Professora Auxiliar FEP-UCP; Membro Colaborador do Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano (CEDH); Consultora Científica e responsável pela coordenação do eixo do SAME – Programa TEIP, Zona Norte
- Diana Ramos Lopes | Docente no Agrupamento de Escolas Leonardo Coimbra Filho
- Eugénia Eduarda Fernandes Ferreira Sousa e Silva | Professora da Escola Secundária Inês de Castro (ESIC), Vila Nova de Gaia
- Helena Almeida | Docente no Agrupamento Escolas Alexandre Herculano
- Inês Chaves | Docente no Agrupamento de Escolas Leonardo Coimbra Filho
- Joana Pinho Costa | Agrupamento de Escolas de Pinheiro, Psicóloga, técnica especializada do SPO- Serviço de Psicologia e Orientação
- Joaquim Machado | Docente da FEP da Universidade Católica Portuguesa e responsável pelo eixo “Desenvolvimento Profissional e Organizacional” do SAME
- Liliana Dias | Docente no Agrupamento Escolas Alexandre Herculano
- Manuela Gomes | Agrupamento de Escolas de Pinheiro, Coordenadora TEIP, docente de Educação Musical
- Márcia Cristina Silva | Assistente Social no Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha
- Nicole Batista | Docente no Agrupamento Escolas Alexandre Herculano
- Paula Choupina | Adjunta da direção e Professora no Agrupamento Escolas António Nobre
- Salomé Ribeiro | Coordenadora TEIP e Professora no Agrupamento Escolas António Nobre
- Sílvia Pereira | Docente no Agrupamento de Escolas Leonardo Coimbra Filho
- Susana Fernandes | Docente no Agrupamento de Escolas Leonardo Coimbra Filho
- Susana Ribeiro | Docente no Agrupamento Escolas Alexandre Herculano
- Vasco Dias Rocha | Assistente Social no Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha
- Zulmira Branco | Docente no Agrupamento de Escolas Leonardo Coimbra Filho

Índice

Editorial.....	5
TEIP3_Equipas Multidisciplinares – Desafios e Tendências.....	6
Os livros, a memória e a sabedoria: O que eu aprendi na semana da leitura.....	12
Para além dos Portões da Escola	18
PENSAR, REFLETIR E INOVAR - Equipas Multidisciplinares.....	24
Equipa Multidisciplinar: um olhar em rede	29
Supervisão em Colaboração: Sustentabilidade do desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional	38
A EAA na melhoria da qualidade da escola	43
AS CRIANÇAS E OS JOVENS NO CENTRO DA INTERVENÇÃO: reflexões sobre a intervenção multidisciplinar e multidimensional no agrupamento de escolas de Pêro Vaz de Caminha.....	45

Os livros, a memória e a sabedoria: O que eu aprendi na semana da leitura



Joaquim Machado⁸

No âmbito de um programa nacional de promoção da leitura e da cultura, as bibliotecas escolares lançam um conjunto de iniciativas. A escola X implementa neste mês de março a semana da leitura, decidindo que à mesma hora todas as turmas do estabelecimento ouviriam a leitura pelo professor de uma das “estórias para adormecer anjos” que faz parte de *Estranhões & Bizarrocos* de José Eduardo Agualusa (*Dom Quixote*, 2000). Esta estória intitula-se “sábios como camelos”. A um primeiro nível de leitura, o título parece ser uma barbaridade quando faz desta espécie animal, nativa de áreas secas e desérticas, a depositária por excelência da sabedoria. Aliás, quando a professora bibliotecária apresentou a proposta em conselho pedagógico, notaram-se sorrisos malévolos suscitados pela evocação do animal de carga. Talvez sobrecarregados com um dia de trabalho que já ia longo, com aquele sorriso timidamente partilhado alguns professores trouxeram à reunião um ato que o próprio camelo sabe fazer bem: aligeirar a carga.

Mas, a um segundo nível de leitura, o camelo vem a ser imprescindível para atravessarmos os “desertos” da nossa vida. Ele é símbolo da paciência e da resistência que nos são necessárias na sua “travessia” e, nesse aspeto, o camelo é ele mesmo símbolo de sabedoria.

Mas foquemo-nos na narrativa do escritor angolano, realçando a sua apologia do livro como fonte de acesso ao conhecimento e parte integrante de um processo de transmutação espiritual, mas também problematizando o papel do promotor da leitura.

⁸ Docente da FEP da Universidade Católica Portuguesa e responsável pelo eixo “Desenvolvimento Profissional e Organizacional” do SAME

1. O homem que gosta de livros

O grão-vizir gostava de ler e, sempre que viajava, levava consigo uma autêntica biblioteca, mas “sobre patas” – 400 camelos “carregados de livros, e treinados para caminhar em ordem alfabética” – e, quando lhe apetecia ler, bastava mandar parar a caravana e ir de camelo em camelo até “encontrar o título certo”.

Porém, um certo dia o céu escureceu subitamente, um vento áspero, carregado de areia, obrigou as pessoas a fechar os olhos e o seu forte uivo impediu que elas se ouvissem. Esta tempestade de areia “durou a tarde inteira”, a que se seguiu a noite, e “quando nasceu o sol o grão-vizir olhou em redor e não foi capaz de descobrir um único dos quatrocentos camelos”.

Deduziu que livros e camelos tivessem ficado irremediavelmente enterrados na areia e, tomado de grande tristeza, regressa para o seu palácio: Como seria a vida dele dali para a frente, sem um só livro para ler?

2. O alimento dos livros

Deixemos, por momentos, o grão-vizir e procuremos nós a cáfila de camelos, “presos uns aos outros por cordas, e conduzidos por um jovem pastor, [que] haviam sido arrastados (...) até uma região remota do deserto”. Pois é, estes animais que melhor aguentam a travessia do deserto (o pelo permite refrigeração, as patas de base larga facilitam os passos na areia, os longos cílios protegem os seus olhos durante as tempestades de areia, o organismo “acumula” água) “durante muito tempo caminharam sem rumo, aos círculos, tentando encontrar uma referência qualquer, um sinal, que os voltasse a colocar no caminho certo. Por toda a parte era só areia, areia, e o ar seco e quente”.

Por uma ação mágica da natureza, os 400 camelos agarrados entre si e carregados com 400 livros cada um – e, com eles agarrado como deles também fizesse parte, o seu “guarda” – são levados de um só golpe para outro espaço do deserto, mas aparentemente ainda mais desértico, não já na perspetiva física mas na perspetiva subjetiva (eu diria, humana) da consciência da necessidade de um rumo, de rompimento com o círculo vicioso que manietava, de uma referência, um sinal que dê sentido ao percurso a (re)iniciar.

O destino dos camelos parecia ser a morte. Nada se interpunha entre eles e o céu: “À noite as estrelas quase se podiam tocar com os dedos”. De que se poderiam alimentar

naquele autêntico deserto da vida deles? Em desespero de causa, o jovem pastor foi-lhes dando a comer os livros que eles mesmos carregavam: um por dia. O suficiente para os alimentar quatrocentos dias. E, quando terminaram os livros, vêem “avançar ao seu encontro um grupo de homens. Eram as tropas do grão-vizir”.

Nesta narrativa, Agualusa faz da sua “estória” uma versão ficcionada do triângulo pedagógico, constituído pelo conhecimento, pelo professor e pelo aluno. Ele faz do livro o alimento que satisfaz a necessidade e dá vida no deserto. Ele faz do jovem pastor o cuidador do animal, o pastor que fornece o alimento, o educador – de *educare*, criar (animais e plantas), alimentar, cuidar; formar, educar, instruir (pessoas). Ele faz do camelo aquele que se alimenta ou é alimentado, enfim o aluno – de *alere*, “nutrir, alimentar, sustentar; fortificar, fazer crescer, desenvolver, fomentar, animar. Ser “aluno” não é bem “devorar” livros, comer com sofreguidão, consumir depressa, engolir à pressa, ler com avidez. Ser aluno é “comer”, é mastigar e ingerir com calma, é tomar sustento, é apropriar-se, reter, apreender – de *apprehendere*, tomar, agarrar, compreender, entender.

3. O livro como repositório de conhecimento

Mas a grande preocupação do grão-vizir é que tinha perdido os seus 160 000 livros e, por isso, não compreendeu o ato do “jovem guardador de camelos” nem se comoveu com o seu choro e condena-o a um dia de prisão por “cada livro destruído”. Para ele, o desaparecimento físico do livro ficaria compensado com o desaparecimento social do “guardador” que, afinal, não guardara os livros para poder manter (conservar, guardar, alimentar) os camelos. Enfim, o grão-vizir aplicou uma pena que na prática nunca o ressarciria da perda dos livros e cujo cumprimento nunca se completaria (a pena era de cerca de 440 anos) porque “muito antes disso [o jovem] morreria na cadeia”.

O que vale ao “guardador de camelos” e traz um final feliz à estória contada é que, quando o jovem já estava sendo levado para a prisão, o primeiro camelo da fila se adianta uns passos e fala – o que não deixa de espantar o grão-vizir – e lhe pede clemência para o guardador porque dera aos camelos a “ciência da fala”, não apenas a capacidade de dizer palavras, mas também o conhecimento que elas contêm: “Explicou que, tendo comido os livros, os camelos haviam adquirido não apenas a capacidade de falar, mas também o conhecimento que estava em cada livro. Lentamente enumerou de A a Z os títulos que ele, Aba, sabia de cor. Cada camelo conhecia de memória quatrocentos títulos”.

4. Da leitura do livro ao conto de histórias

Detenho para mim a lentidão da enumeração dos títulos, como se o camelo os degustasse, em contraposição ao debitar rápido de quem “vomita” a matéria memorizada, bem como o processo de apreensão pela conservação na memória, até porque não dispõe de outros instrumentos de registo. Não é por acaso, diz o autor, que na época do grão-vizir se dizia de alguém que mostrasse grande inteligência: “Aquele homem é sábio como um camelo”.

É a memória que armazena e recupera o conhecimento, por um lado, e a capacidade de falar, por outro, que fazem de cada camelo, comedor de livros, um livro vivo e, neste sentido, o grão-vizir pode perdoar a “irresponsabilidade” do jovem que afinal, não guardando o livro no seu estado físico, proporcionou a sua guarda na memória dos camelos: “Liberta esse homem – diz Aba – e sempre que assim o desejares nós viremos até ao vosso palácio para contar histórias”.

O grão-vizir concordou com o porta-voz dos camelos e assim se fez: “a partir daquele dia, todas as tardes, um camelo subia ao seu quarto para lhe contar uma história”.

5. O professor e a promoção da leitura e da cultura

Como professor que sou, acabo a pensar que a ação educadora do “jovem guardador de camelos” começou por ser “alimentadora”, quando lhes deu os livros a comer mas que foi muito mais além graças aos próprios camelos, porque na verdade aproveitaram o alimento dado para se alimentarem, adquiriram “capacidade de falar, mas também o conhecimento que estava em cada livro”. Para falar com propriedade, o alimento não é o livro, nele está depositado o alimento de que precisavam os camelos na fase árida da sua travessia. Neste sentido, a ação de fora para dentro do “pastor” e “guardador” foi bem-sucedida porque foi correspondida com a vontade de comer dos camelos, contou com o processo de “mastigação” e “assimilação” de cada membro da cáfila. Enfim, contou com a sua aprendizagem.

Então, bem vistas as coisas, o jovem “alimentador” (de *educare*) conseguiu, aparentemente sem o saber, que os “alimentados” saíssem do estado animal propriamente dito e se tornassem como que humanos (se “humanizassem”) através do livro. Por outras palavras, conseguiu que os camelos passassem do seu estado de natureza

para o estado de cultura. Neste sentido, a ação do jovem pastor é educadora porque guia, conduz, transporta, ajuda a ser e isso supõe a atividade contrária e complementar de “ir de dentro para fora” – de *educere*, conduzir para fora, tirar, fazer sair, criar uma criança.

6. O amor aos livros como sentido da atividade da Escola

Quando a Escola X coloca os professores a lerem à mesma hora esta estória de José Eduardo Agualusa está a pedir a cada professor que desempenhe o papel que os camelos passaram a desempenhar junto do grão-vizir. Mas, ao contrário do camelo, não é à memória pessoal que o professor contador de histórias recorre nesta atividade. E, nos casos em que o professor não adere interiormente à proposta meritória da escola, ele pode cumprir o que foi estabelecido para todos, mas não conseguirá seguramente fazer da leitura da história contada ocasião de fruição e de promoção da leitura e da cultura que o livro transporta.

Convém não esquecer que do professor se espera que seja mais o “guardador”, não dos livros, mas dos seus leitores e, qual pedagogo, os conduza no acesso ao conhecimento que (não apenas) os livros contêm, criando situações de apropriação, de aprendizagem. Importa, pois, que o potencial leitor faça da leitura uma segunda natureza e procure os livros como se eles fossem “pão para a boca”.

7. Uma história a expandir

Curiosamente, na estória de Agualusa, o jovem pastor é personagem secundária com função adjuvante no processo de transmutação (espiritual) dos camelos através da assimilação da vida que os livros preservam. Neste sentido, a sua interpretação do triângulo pedagógico permite à educação que se cumpra.

Sabemos que distribuí os livros pelos camelos e que essa distribuição obedece a uma ordem, a ordem determinada pelas “prateleiras” da biblioteca itinerante do grão-vizir, e que, como que por magia, o alimento físico opera uma alteração de natureza, promovendo a “humanização” dos seres que alimentara.

Na estória de Agualusa fica, porém, por dizer de que se alimenta o jovem pastor no deserto (enquanto espaço da narrativa) durante o tempo (de travessia) dos camelos. Sabemos, apenas, que, na economia da narrativa, não lhe coube nenhum dos livros que estavam ao seu dispor.

Mas ao círculo de leitores da estória contada por Agualusa não está vedada a possibilidade de a expandir ou criar outra estória que ilustre como é possível passar de distribuidor de livros para ler a formador de leitores autónomos.